

Exílio e identidade: uma leitura de *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto

Shirley de Souza Gomes Carreira¹
UNIABEU

Entre a aparência e a verdade
Falta a palavra
Irremediavelmente lúcida
Que rompa como um uivo
A crosta do mundo
Aos que escolhem o seu caminho
Tudo impede a verdadeira morte.

Manuel C. Amor

Resumo:

Este trabalho propõe a leitura de *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto, a partir da dialética entre o particular e o universal, focalizando especificamente a relação entre o exílio e a configuração da identidade.

Palavras-chave: particular, universal, exílio, identidade

Abstract:

This paper aims at an interpretation of Mia Couto's *Antes de nascer o mundo*, starting from the dialectics between the particular and the universal, focusing specifically on the relationship between exile and identity configuration.

Keywords: particular, universal, exile, identity

No filme “Línguas-Vida em português”, de Victor Lopes, Mia Couto descreve a vida e a cultura do povo moçambicano como uma forma de interação entre o particular e o universal. Para ele, os habitantes de Moçambique vivem dois mundos de proporções e dimensões espirituais incalculáveis em um espaço geográfico reduzido.

A língua portuguesa, que insere Moçambique no mundo da lusofonia, assume características próprias, reinventada e alimentada pelo som de melodias, ritmos e crenças ancestrais. Não é à toa que Saramago afirma, no mesmo documentário, que “não há uma língua portuguesa, mas línguas em português”.

Mas, do que nos falam essas línguas? Que histórias contam? Com que sotaques chegam até nós?

A temática da dialética entre o particular e o universal perpassa a obra de Mia Couto, propiciando uma reflexão sobre a organização dos espaços e da configuração das identidades em uma sociedade pós-colonial.

¹ Doutora em Literatura Comparada (UFRJ) e Professora Titular da UNIABEU, RJ.

Este trabalho propõe uma leitura de *Antes de nascer o mundo*, a partir dessa dialética, enfatizando o modo como o texto entrelaça a temática do exílio e da migração com a configuração da identidade.

O romance, que na África e na Europa recebeu o título de *Jesusalém*, narra a história de cinco homens que deixam a cidade para viver em um lugarejo abandonado.

A epígrafe do romance, uma citação de Herman Hesse em *Viagem pelo Oriente*, antecipa a motivação para o exílio:

Toda a história do mundo não é mais que um livro de imagens refletindo o mais violento e mais cego dos desejos humanos: o desejo de esquecer. (HESSE, apud COUTO, 2009, p.5)

Desejoso de esquecer o passado, que lhe atormentava com recordações da mulher morta, Dordalma, Silvestre Vitalício encerra-se com os filhos, Mwanito e Ntunzi, um empregado, Zacaria Kalash, o cunhado, Tio Aproximado, e a jumenta Jezibela naquele local isolado do restante da civilização, onde passam a viver uma realidade moldada segundo os delírios do patriarca.

Composto por três livros - *A humanidade*, *A visita*, *Revelações e regressos*, respectivamente, o romance é dividido em capítulos não numerados e, sim, nomeados.

A narrativa do primeiro livro, significativamente denominado “Humanidade”, é inteiramente conduzida pelo filho mais novo de Silvestre, Mwanito. Através dele, o leitor toma ciência de que a “condição de exilado” fora voluntariamente adotada pelo seu pai, que a impôs aos demais.

Na verdade, não nasci em Jesusalém. Sou, digamos, emigrante de um lugar sem nome, sem geografia, sem história. Assim que minha mãe morreu, tinha eu três anos, meu pai pegou em mim e no meu irmão mais velho e abandonou a cidade. Atravessou florestas, rios e desertos até chegar a um sítio que ele adivinhava ser o mais inacessível. Nessa odisseia cruzámos com milhares de pessoas que seguiam em rumo inverso: fugindo do campo para a cidade, escapando da guerra rural para se abrigarem na miséria urbana. As pessoas estranhavam: por que motivo a nossa família se embrenhava no interior, onde a nação estava ardendo? (COUTO, 2009, p.19)

A saga dos migrantes é, portanto, de caráter insólito, contrariando o que era de se esperar; assim como a existência em Jesusalém.

No final dessa longa viagem, instalámo-nos numa coutada havia muito deserta, fazendo abrigo num abandonado acampamento de caçadores. Em redor, a guerra tornara tudo vazio, sem sombra de humanidade. Até os animais eram escassos. Abundava apenas o bravo mato onde, desde havia muito, nenhuma estrada se desenhava. Nos escombros do acampamento nos instalámos. (...) Os trabalhos de restauro foram mínimos. Silvestre não queria desrespeitar aquilo que ele chamava de “obras do tempo”. De um único labor ele se ocupou.: à entrada do acampamento havia uma pequena praceta com um mastro onde, antes, se hasteavam bandeiras. Meu pai fez do mastro um suporte para um gigantesco crucifixo. Por cima da cabeça de Cristo ele fixou uma tabuleta onde se podia ler: “Seja bem-vindo, Senhor Deus”. Esta era a sua crença:

— *Um dia, Deus virá pedir desculpa.* (COUTO, 2009, p.20)

Com o tempo, os filhos de Silvestre começam a demonstrar a sua insatisfação por viverem distanciados do mundo. Ntunzi, o filho mais velho, inconformado em viver ali, traz dentro de si uma enorme revolta, que se traduz em acusações contra o pai. Mwanito, ao contrário do irmão, não tem memória de uma vida fora daquele lugar e experimenta um estranho sentimento de nostalgia pelo que não teve oportunidade de conhecer.

De modo a conter os filhos, Silvestre ensina-lhes que o mundo se acabou e que eles são os únicos sobreviventes. Ante a curiosidade dos meninos em relação ao território que se pode vislumbrar ao longe, na linha do horizonte, ele explica que aquilo é o “Lado-de-Lá”, onde já não há habitantes e aonde é proibido ir.

Em poucas palavras, o inteiro planeta se resumia assim: despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já se haviam extinto. Em contrapartida, em Jesusalém não havia senão vivos. Desconhecedores do que fosse saudade ou esperança, mas gente vivente. Ali existíamos tão sós que nem doença sofríamos e eu acreditava que éramos imortais. (COUTO, 2009, p.11)

Em oposição à configuração social dos habitantes do “Lado-de-lá”, ou seja, da cidade, cuja existência é negada, em Jesusalém existe uma “humanidade”, criada segundo a vontade de Silvestre:

A humanidade era eu, meu pai, meu irmão Ntunzi e Zacaria Kalash, nosso serviçal que, conforme verão, nem presença tinha. E mais nenhum ninguém. Ou quase nenhum. Para dizer a verdade, esqueci-me de dois semi-habitantes: a jumenta Jezibela, tão humana que afogava os devaneios sexuais de meu velho pai. E também não referi o meu Tio Aproximado. Esse parente vale uma menção: porque ele não vivia conosco no acampamento. Morava junto ao portão de entrada da coutada, para além da permissível distância, e apenas nos visitava de quando em quando. Entre nós e a sua cabana ficava a lonjura de horas e feras. (COUTO, 2009, p.12)

A incoerência entre as palavras de Silvestre e as evidências de existência de um mundo exterior torna-se evidente para Ntunzi, a quem não escapa o fato de o Tio Aproximado, que é responsável por trazer os suprimentos, ter de se banhar na cerca que circunda o casario, para não trazer contaminações da cidade. Como contaminar-se, se aquela é uma cidade “morta”, sem seres viventes?

A demarcação dos espaços no romance define a dialética entre o particular e o universal, entre o público e o privado. Conforme afirma Castells,

O espaço não é reflexo da sociedade, é sua expressão. Em outras palavras: o espaço não é uma fotocópia da sociedade, é a sociedade. As formas e processos espaciais são constituídos pela dinâmica de toda a estrutura social. (CASTELLS, 1999, p. 500)

Silvestre desenvolve uma forma de proteção para si e para os que o acompanham criando uma ficção sobre o espaço em que vive. Ao optar pela negação do seu lugar de origem, o espaço governado por uma ordem social à qual já não consegue se submeter, ele adota uma postura típica do exilado.

Segundo Said,

(...) grande parte da vida de um exilado é ocupada, em compensar a perda de seu espaço natal, criando um novo mundo para governar. Esse novo mundo é artificial e sua irrealdade assemelha-se à ficção. No exílio, o isolamento provoca certo masoquismo narcisista, que resiste aos esforços de melhoramento, aculturação e adesão à outra comunidade. (SAID, 2003, 54)

O espaço que Silvestre cria projeta-se como um mundo à parte, em que ele dita as ordens: “Uns têm filhos para ficarem mais perto de Deus. Ele se convertera em Deus desde que era meu pai. Assim falou Silvestre Vitalício” (p.18).

É significativa a comparação entre a viagem rumo ao interior e o contexto bíblico:

À frente, enfiado no banco dianteiro, seguia meu pai. Parecia enjoado, talvez ele tivesse assumido que viajava mais num barco que numa viatura. — Isto aqui é a *Arca de Noé motorizada*— proclamou quando ainda tomávamos lugar na velha carripiana. (COUTO, 2009, p. 19)

Em sua fuga, Silvestre deifica a si mesmo, decidindo o destino daqueles que o cercam. O meio é fornecido por Tio Aproximado, dono e guia da nova Arca de Noé:

Fosse qual fosse a razão do desterro, tinha sido Aproximado quem, havia oito anos, comandara a nossa retirada para Jerusalém, guiando um caminhão a cair de podre. (...) O tal caminhão chegou ao destino, mas desfaleceu para sempre, à porta daquilo que viria a ser a nossa casa. Ali apodreceu, ali se converteu no meu favorito brinquedo, meu refúgio de sonhar. Sentado ao volante da falecida máquina, eu podia ter inventado viagens infinitas, vencido distâncias e cercos. Como faria outra criança qualquer, poderia ter dado a volta ao planeta, até que o universo inteiro me obedecesse. Mas isso nunca sucedeu: o meu sonho não aprendera a viajar. Quem viveu pregado num só chão não sabe sonhar com outros lugares. (COUTO, 2009, p.24)

Em Jerusalém, onde, pela vontade de Silvestre, viveriam livres da contaminação do mundo exterior, é proibido sonhar:

—Vou dizer uma coisa, nunca mais vou repetir: vocês não podem lembrar nem sonhar nada meus filhos.

—Mas eu sonho, pai. E Ntunzi se lembra de tanta coisa.

—É tudo mentira. O que vocês sonham fui em que criei nas vossas cabeças. Entendem?

—Entendo, pai.

—E o que vocês lembram sou eu que acendo nas vossas cabeças.

O sonho é uma conversa com os mortos, uma viagem ao país das almas. Mas não havia falecidos nem território das almas. O mundo tinha terminado e o seu final era um desfecho absoluto: a morte sem mortos. O país dos defuntos estava anulado, o reino dos deuses cancelado. Foi assim que, de uma assentada, meu pai falou. Até hoje essa explanação de Silvestre Vitalício me parece lúgubre e confusa. Porém, naquele momento, ele foi peremptório:

— É por isso que vocês não podem nem sonhar nem lembrar. Porque eu próprio não sonho, nem lembro. (COUTO, 2009, p. 18)

Sendo visivelmente o filho preferido, Mwanito descobre a sua vocação maior: estar calado.

Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai quem me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios, no plural. Sim, porque não há um único silêncio. E todo silêncio é música em estado de gravidez. COUTO (2009, 13)

Para o pai, Mwanito consolida o silêncio desejado, e, conseqüentemente, a sua vontade de esvaziar-se de pensamentos, de não permitir a presença de lembranças.

Em seu duplo papel de algoz e vítima de si mesmo, Silvestre assume um caráter ditatorial, não apenas ditando ordens no que diz respeito às ações de seus acompanhantes, mas também dominando sua vontade e pensamentos com seu poder de persuasão.

Durante anos, meu pai foi uma alma doce, seus braços davam a volta à Terra e neles moravam os mais antigos sossegos. Mesmo sendo ele a estranha e imprevisível criatura, eu via no velho Silvestre o único sabedor de verdades, o solitário adivinhador de presságios. Hoje, eu sei. Meu pai tinha perdido os Nortes. (COUTO, 2009, p.29)

À credulidade de Mwanito, opõe-se a rebeldia de Ntunzi, para quem sempre esteve clara a situação em que viviam: “Pois fique sabendo: nós não saímos do mundo, fomos expatriados como um espinho que foi expulso pelo corpo”. (p.26)

O movimento de desterritorialização só pode ser pensado em relação ao conceito de território e seguido de uma reterritorialização. É nesse processo que Silvestre rebatiza todos os habitantes da nova terra.

Aquele nome, Mateus Ventura, constava entre os indizíveis segredos de Jesusalém. Na realidade, Silvestre Vitalício já tivera outro nome. Antes ele se chamava Ventura. Quando nos mudamos para Jesusalém, meu pai nos conferiu outros nomes. Rebaptizados, nós tínhamos outro nascimento. E ficávamos mais isentos de passado. (COUTO, 2009, 37)

Na cerimônia de “desbaptismo”, os nomes são trocados, segundo a vontade de Silvestre: Orlando Macara passa a ser o Tio Aproximado, Olindo Ventura passa a chamar-se Ntunzi e Ernestinho Sobra torna-se Zacaria Kalash. Apenas Mwanito permanece com o mesmo nome, porque, de acordo com o pai, “ainda estava nascendo”.

Apegado às crenças ancestrais, Aproximado ainda tenta fazer com que o cunhado dê os nomes de seus antepassados aos filhos, para protegê-los. Mas Silvestre recusa, pois “se não há passado, não há antepassados.” (p.39)

Em seu relato, Mwanito afirma: “A guerra roubou-nos memórias e esperanças”. No entanto, também reconhece que graças a ela adentrou o mundo da leitura e da escrita. Contrariando a vontade do pai, Ntunzi ensinara Mwanito a ler, usando os rótulos das caixas de material bélico armazenadas no fundo do acampamento.

Ao aprender a escrever, usando cartas de baralho e um lápis que Ntunzi roubou de Aproximado, Mwanito faz uma grande descoberta: a escrita é uma ponte entre tempos passados e futuros, tempos que, nele, nunca chegaram a existir. À medida que domina a escrita, torna-se capaz de dar voz e corpo à mãe da qual não tem lembrança. Mas é também a escrita que começa a desfazer a sua credulidade em relação ao que o pai lhe diz. Quando Ntunzi lhe traz notas para servirem de papel em substituição às cartas de baralho, já totalmente escritas, Mwanito percebe a verdade.

A única coisa que escutei, porém, foi o batucar do medo em meu peito. Aquele dinheiro era a mais secreta posse de meu velho. A sua presença constituía prova fatal de sua longa mentira. Afinal, o Lado-de-Lá estava vivo e governava as almas de Jesusalém. (COUTO,2009, 112)

Senhor absoluto de sua solidão, Silvestre impede tudo o que possa escapar ao mundo particular que criou; inclusive as lágrimas e as rezas. Entregue a uma interpretação muito própria do sagrado, ele atribui à existência de Deus uma única serventia: ser culpada pelos pecados humanos. Sua fé às avessas o leva a plantar o crucifixo na entrada do acampamento, como uma forma de dizer a Deus que ele já fora perdoado.

A rotina de Ntunzi e Mwanito, repleta da crueldade do pai em relação ao primeiro e de tolerância em relação ao último, é abalada com a chegada de uma nova habitante, a portuguesa Marta, que é narradora de dois capítulos do segundo livro, intitulado “A visita”.

A chegada de Marta se reveste do insólito. Habitante de uma realidade inventada, Mwanito cresceu em um lugar povoado unicamente por homens, onde qualquer referência ao sexo feminino era proibida. Tanto que nas primeiras linhas do romance ele diz: “A primeira vez que vi uma mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas” (COUTO,2009, p.11).

Ntunzi já lhe havia falado das mulheres, já havia, inclusive, imitado os trejeitos de Dordalma, a mãe já falecida. A sua incrível habilidade para contar histórias e representar povoava o imaginário do irmão com imagens que ele nunca havia visto. No entanto, a aura que circunda a lembrança da mãe se desfaz quando, finalmente, Ntunzi revela que é tudo fingimento, que não consegue lembrar-se dela, que a verdadeira orfandade, da qual padecem, é fruto desse total esquecimento. Na tentativa de lutar contra ele, Ntunzi rabisca, todos os dias, estrelinhas na parede de um muro, contando a passagem do tempo, até ser descoberto por Silvestre, que raspa a parede com uma pá, pois, em Jesusalém, é proibido ter passado.

O exílio é uma fratura incurável entre um ser humano e seu lugar natal, cujo *pathos*, como afirma Said (2003, 52), está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra. Constitui uma estada sofrida no território do não-pertencer e caracteriza-se pelo abandono das raízes e do passado. O exilado tenta, a seu modo, reconstituir a sua vida em um novo espaço. Surge um sentimento de solidariedade agregadora em relação a outros exilados e uma hostilidade, por vezes exaltada, em relação aos “de fora”. Assim, Silvestre interpreta a chegada de Marta como uma ameaça: uma única pessoa, mulher e branca, a desmoronar “a inteira nação de Jesusalém” (p.128).

Mesmo sabendo do fim da guerra, Silvestre mantém a firme idéia de isolar-se do mundo, e, a seus olhos, Marta parece ter vindo para estilhaçar a sua laboriosa construção. Silvestre luta para fechar o mundo lá fora, sem que haja uma porta “para ele se trancar por dentro” (p. 128).

Enviado pelo pai para espionar a forasteira, Mwanito lê os seus papéis, que a introduzem como segunda narradora. Seu texto é endereçado a Marcelo, seu marido, fotógrafo, que ela acredita estar perdido nos arredores de Jesusalém.

A chegada de Marta traz desequilíbrio à frágil relação entre os habitantes do local, não só pela atração que exerce uma presença feminina em um ambiente social masculino, mas também pela diferença discursiva que ela impõe. Ao contrário do discurso ríspido e autoritário de Silvestre, o de Marta é imbuído de sentimento e compreensão, como demonstra a passagem abaixo:

Fazia tanto tempo que a mãe já não vivia, mas ela nunca chegara a morrer dentro do meu irmão. Às vezes, ele queria gritar de dor, mas faltava-lhe vida para esse grito. A portuguesa, no momento, o advertiu: Ntunzi deveria exercer o luto, domesticar o selvagem ferrão da saudade.

—*Tens todo este lugar, tão bom, para chorar...*

—*De que vale chorar senão tenho quem me escute?*

—*Chora, meu querido, que te dou ombro.* (COUTO, 2009, p.154)

Os papéis de Marta revelam a sua história pessoal, bem como a sua razão para estar em Moçambique. Ela se revela como alguém que perdeu a sua interioridade, a sua razão de ser. A ausência do amor faz com que se sinta vazia, uma mulher sem raízes, e que busque a possibilidade de “nascer de novo”. A escrita se torna o local da voz, uma vez que a capacidade de enunciar-se oralmente é insuficiente para expressar o seu vazio interior, o “exílio” que consiste na incapacidade de amar um outro que não seja aquele que se foi.

O discurso amoroso de Marta é poético:

Vês como fico pequena quando escrevo para ti? É por isso eu nunca poderia ser poeta. O poeta se engrandece perante a ausência, como se a ausência fosse o seu altar; e ele ficasse maior que a palavra. No meu caso, não, a ausência me deixa submersa, sem acesso a mim.

Este é o meu conflito: quando estás, não existo, ignorada. Quando não estás, me desconheço, ignorante. Eu sou só na tua presença. E só me tenho na tua ausência. Agora eu sei. Sou apenas um nome. Um nome que não se acende senão em tua boca. (COUTO, 2009, p. 132)

Mais uma vez, Mia insere no romance o conflito entre identidades. Ao contrário de Silvestre e seus companheiros de exílio, Marta não abdica do seu nome, mas do “eu”. Sua ida à África, na tentativa de reencontrar Marcelo, corresponde à tentativa de renascimento do eu perdido. As suas palavras, registradas no diário, reportam-se a um “eu” em estado de latência, à espera da oportunidade de renascer.

Jusalém se revela diante dela como um espaço fora do mundo que conheceu: “Nada é anterior a mim, estou inaugurando o mundo, as luzes, as sombras. Mais do que isso: estou fundando as palavras. Sou eu que as estreio, criadora do meu próprio idioma” (COUTO, 2009, p. 134).

A diferença de discurso é enunciada objetivamente por Mwanito:

Mas ela falava de algo que ali sempre estivera e eu jamais notara: a luz que irradia não do Sol mas dos próprios lugares.

— Lá, o nosso Sol não fala.

— Onde é “Lá”, senhora Marta?

— Lá, na Europa. Aqui é diferente. Aqui o Sol geme, sussurra, grita.

— Ora— corriji eu, por delicadeza— o Sol é sempre um mesmo.

— Engano seu. Lá, o Sol é uma pedra. Aqui, é um fruto.

As palavras dela eram estrangeiras mesmo ditas na mesma língua. O idioma de Marta tinha outra raça, outro sexo, outro veludo. O simples acto de a escutar era, para mim, um modo de emigrar de Jusalém. (COUTO, 2009, p.148)

Assim como Marta, Marcelo havia partido em busca do “eu”. Anos antes dessa última viagem, ele havia sido soldado combatente em terras africanas. Enviado para matar em terra

estranha, ele se descobrira mandado para “matar uma terra longínqua”. Fazendo-o, acabara por descobrir-se outra pessoa, e quinze anos depois decidiu voltar à África, com saudade daquele renascimento. Marta tentara impedi-lo, pois acreditava que nenhuma memória deveria ser visitada, pois, algumas, só na morte poderiam ser reencontradas.

Kalash havia previsto a vinda de Marta e a reviravolta que haveria de causar em Jerusalém. Ao conquistar a afeição de Ntunzi e Mwanito, ela desmantela a distância entre o mundo criado por Silvestre e o “Lado-de-Lá”:

Queria pedir que ela cantasse uma outra vez. Porque havia uma certeza, agora, dentro de mim. Marta não era uma visitante: era uma enviada. Zacaria Kalash pressentira a sua chegada. Porém, eu suspeitava: Marta era a minha segunda mãe. Ela tinha vindo para me levar para casa. E Dordalma, a minha primeira mãe, era essa casa. (COUTO, 2009, p. 147)

Ao contrário de Ntunzi, que sonha com Marta como mulher, Mwanito é atraído pela sua atípica, insólita gentileza. A seus olhos, ela é como ele, uma estrangeira no mundo: uma mulher que escreve lembranças, enquanto ele afina silêncios.

Ciente do distúrbio que a sua presença causa, e necessitando dar um rumo à própria vida, Marta decide partir, mas antes tenta demover Silvestre de sua teimosia em afastar-se do mundo, uma vez que ela mesma reconhece a inutilidade de tentar esquecer o que já se viveu. Mas Silvestre não aceita que uma mulher desestabilize o seu poder no microcosmo que criou.

Há uma passagem no romance em que a questão da raça é levantada por Mwanito. O menino observa que, ao contrário dos demais, ele e Ntunzi tem a pele mais clara e pergunta ao pai se são de outra raça.

Meu pai respondeu:

— Ninguém é de uma raça. As raças —disse ele — são fardas que vestimos.

Talvez Silvestre tivesse razão. Mas eu aprendi, tarde demais, que essa farda se cola, às vezes, à alma dos homens. (COUTO, 2009, p.13)

Embora demonstre não ser preconceituoso em sua fala, na prática Silvestre revela a sua misoginia.

Em meio à confusão criada pelo impedimento da partida de Marta, devido a pneus furados na calada da noite, Mwanito se vê diante de uma cena inusitada: toda a “humanidade” de Jerusalém, inclusive Marta, perfilada diante do crucifixo, à espera de um homem visivelmente desvairado que confisca a máquina fotográfica de Marta e declara Jerusalém uma jovem nação independente, da qual é o presidente; um presidente “Vitalício”.

Em sua loucura, Silvestre condena a intrusa à morte. Cabe a Zacaria Kalash, que já tinha sido soldado, a incumbência de matá-la. No entanto, o mesmo Zacaria que acolhe no corpo as balas que outrora o feriram, tirando-as para exibi-las, e guardando-as novamente dentro da própria carne, se nega a fazê-lo. Ntunzi se oferece para isso, mas, ao invés de Marta, mata a jumenta Jezibela.

Ao velar a sepultura de Jezibela, Silvestre é mordido por uma cobra e fica à beira da morte. O acontecimento precipita a saída de todos de Jerusalém. A caminho do “Lado-de-Lá”, Mwanito sente que carece de um novo nome, de um novo batismo. Ao contrário de todos os outros, que estão de regresso à própria casa, ele é o único a sentir-se rumo a um novo mundo.

O desfecho do romance traz revelações. No capítulo intitulado “A árvore imóvel” uma carta de Marta a Mwanito narra como Dordalma se suicidou, enforcando-se em uma casuarina, após ser seviciada por vários homens no dia em que partiu ao encontro de Kalash, o verdadeiro pai de Ntunzi, deixando marido e filhos.

Ao fim do romance, Mwanito surge como um rapazinho que frequenta a escola e tem acesso aos problemas sociais das cidades: a miséria, a injustiça, os efeitos da globalização, a corrupção, da qual seu tio é o maior exemplo, e, até mesmo, o flagelo do mundo contemporâneo: a SIDA, doença que mata o seu professor.

Seu reencontro com o irmão, que se tornou soldado, é acompanhado das lembranças e da revelação de que a relação de dependência entre os Kalash e Silvestre era um pacto construído sobre a culpa da morte de Dordalma.

Desta maneira, Mia Couto tece um romance calcado no autoexílio, na perda e na construção de novas identidades, na busca do sentido de pertença. Ao fazê-lo, insere, ainda que de modo indireto, as questões que afligem os moçambicanos nos dias de hoje, bem como o trânsito entre o particular e o universal que menciona no filme de Victor Lopes.

A busca da mãe desconhecida surge como uma metáfora para o desejo humano de sentido para a existência. O exílio em Jerusalém é igualmente emblemático e pode ser sintetizado na frase dita por Silvestre à Marta: “o mundo termina quando já não somos capazes de o amar”. Assim como Marta aprende a encontrar Marcelo no mundo em torno de si, Mwanito espera encontrar seu caminho em um mundo que ainda está por nascer.

Muitas são as discussões suscitadas pelo romance: a questão do convívio entre sociedades e culturas diferentes; a dialética entre particularismos e valores universais; o direito à liberdade, à individualidade e à diversidade.

O insólito permeia o romance e o tom de estranheza acompanha o leitor em sua viagem pelas suas páginas. Está, também, presente nas epígrafes dos capítulos, pois quase todas são citações de obras de autoria feminina. À medida que a narrativa prossegue e o universo masculino da ação é descortinado ante o leitor; as epígrafes surgem como a desconstruir no plano da narrativa a misoginia que impregna a narração.

A exceção, no que diz respeito às epígrafes, além da citação de Hesse que introduz o romance, está no segundo livro, uma citação de Jean Baudrillard: “Aquilo que chamam “morrer” não é senão acabar de viver e o que chamam “nascer” é começar a morrer. E aquilo que chamam “viver” é morrer vivendo. Não esperamos pela morte, vivemos com ela perpetuamente” (p. 113).

A antinomia vida/ morte perpassa o romance e está sempre presente na vida dos povos africanos, bem como a associação da morte ao esquecimento. *Antes de nascer o mundo* confirma, de certa forma, as palavras de Mia em uma entrevista dada pela ocasião do lançamento de *O outro pé da sereia* no Brasil:

Uma coisa que me aflige, que me aflige muito, é que Moçambique passou estes dezesseis anos de guerra, perdeu um milhão de pessoas e nós somos só dezessete milhões, portanto foi um momento muito sofrido, um momento de luto. Nós ainda não fizemos o luto e de repente Moçambique esqueceu-se, se fores hoje a Moçambique ninguém fala do que se passou. É uma esponja que passou ali, não há resquícios. E isso não é bom, quer dizer, isso significa que nós perdemos aquilo que deixou de ser nosso, nós temos que ter acesso àquela memória. E os escritores podem ter aqui um outro papel ao escrever, ao abrir portas, ao fazer uma espécie de catarse sobre esse momento.²

² Entrevista concedida a Elisa A. Buzzo, em 14/09/2006, disponível em : <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2047>

No romance, Marta diz explicitamente a Silvestre que não adianta esquecer. Há que prantear os mortos, vivenciar a dor da alma (Dordalma), antes de seguir em frente. Deste modo, a história de Silvestre entrelaça-se à história da nação.

Mia Couto, em suas falas públicas, sempre menciona a dificuldade do africano em lidar com o tempo, com a história:

Qual é a dificuldade em nós pensarmos como sujeitos da História? Vem sobretudo de termos legado sempre aos outros o desenho da nossa própria identidade. Primeiro, os africanos foram negados. O seu território era a ausência, o seu tempo estava fora da História. Depois, os africanos foram estudados como um caso clínico. Agora, são ajudados a sobreviver no quintal da História.³

As obras de Mia fogem ao retrato realista do que a guerra colonial representou para os moçambicanos, mas, em sua prosa poética, deixa entrever as cenas de um passado que precisa ser lembrado, para que Moçambique, a exemplo de Mwanito, construa a sua identidade, o sentido de si, metaforicamente associado à mãe cuja imagem tem de ser construída em uma caminhada por “um infinito descampado, antes de chegar à última árvore”.

Referências Bibliográficas:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: SENAC, 2002.

BUZZO, Eliza A. *Mia Couto revisitado*. In: DIGESTIVO CULTURAL,

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadette V. *Figurações da alteridade*. Niterói (RJ): EDUFF/ABECAN, 2007.

HALL, S. *Da diáspora - identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, E. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Acesso em 06/02/2010

³ Vertical N° 781, 782 e 783 de Março 2005. *Oração de Sapiência na abertura do ano lectivo no ISCTEM*